

## DOCUMENTAÇÃO

www.aese.pt

**Índice**

Marx à vista .....	1
Procurando Marx .....	3

**Marx à vista**

A 5 de maio último passou o 200.º aniversário do nascimento de Karl Marx, cuja obra se torna difícil de catalogar, pois parece um economista para os filósofos, um filósofo para os jornalistas, um jornalista para os sociólogos, um sociólogo para os economistas; demasiado intelectual para os socialistas e demasiado socialista para os intelectuais. Um inquérito da BBC de 1999, deu-lhe o título do “maior pensador do milénio”, e foi um dos homens que mais influência teve na história recente.

A primeira dificuldade para analisar a importância do legado de Marx no nosso mundo é atravessar o emaranhado de preconceitos sobre o que Marx disse ou quis dizer. Para começar, é necessário tentar separar o marxiano do marxista: aquilo que realmente escreveu Marx é uma coisa e outra muito diferente é o que os seus epígonos lhe fizeram dizer, normalmente levados por motivações espúrias. Interpretações vindas de todos os cantos do universo ideológico converteram Marx num espectro, num ícone terrível que serviu para justificar as ideias ou as políticas mais peregrinas.

Para se ser academicamente correto, o primeiro ato de justiça com um autor é lê-lo; o segundo é interpretá-lo no seu contexto; o terceiro é não convertê-lo num demónio ou num mito com direito a estátua; o último é reconhecer as suas descobertas e criticar os seus erros, como faríamos com qualquer outro autor. Tudo isto é difícil com Marx. Ouvimos já tantas coisas dele, foi tantas vezes usado como bandeira, atribuímos a ele tantos crimes, que se torna difícil uma aproximação à sua obra sem preconceitos.

A segunda dificuldade é que Marx nunca teve um *sistema* rígido e unificado de pensamento. Apesar de Lenine ter comparado a doutrina de Marx com um bloco de aço, a verdade é que Marx nunca quis construir um sistema filosófico. Via-se a si próprio como um cientista social, e estava preocupado sobretudo com o estudo dos fenómenos económicos e políticos da sua época. Além disso, como recorda o politólogo francês Raymond Aron, “os únicos que não se contradizem são os que escrevem pouco”, pelo que rebuscando um pouco na sua prolífica obra, é fácil refutar Marx usando o próprio Marx. Essa ambiguidade de Marx provocou interpretações das suas ideias tão variadas como incompatíveis entre si.

A terceira dificuldade, e talvez a chave de tudo, reside no ativismo político de Marx. Ao envolver-se na criação da Primeira Internacional, a sua obra ficou firmemente soldada ao socialismo, ao comunismo e às suas futuras derivações totalitárias. Não é fácil libertar-se da condenação intelectualmente eterna quando lhe foi salpicado o sangue vertido em seu nome. É precisamente agora, com o comunismo no caixote do lixo da história, que se pode começar a fazer o estudo de Marx com a cabeça em vez de o realizar com as vísceras.

**O que é o marxismo**

Tentar resumir nestas linhas a doutrina de Marx é um trabalho impossível, pelo que o reduziremos a alguns traços importantes.

A grande descoberta de Marx é o que se veio a chamar a visão materialista da história e que o próprio Marx resume assim, no prólogo à sua obra "Contribuição para a crítica da economia política": "O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência".

Isto quer dizer que, para Marx, primeiro estão as condições de vida reais, materiais (quem controla os recursos e os meios de produção, a tecnologia, a terra, as matérias-primas, etc.), e é essa base económica, essas relações de produção entre os homens, que dão lugar às formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas, isto é, o que Marx denomina "formas ideológicas". Portanto, segundo Marx, a verdadeira batalha não se dá no mundo das ideias, mas no mundo real. Para mudar uma sociedade tem de se mudar as condições materiais de vida e só então mudarão as ideias, que são consequência dessas condições.

A partir deste ponto, de acordo com o texto de Marx que se tome como referência, pode inferir-se, ou que o mundo material *determina* o pensamento e a ação dos homens, e então habitamos um mundo mecânico, no qual a liberdade humana é irrelevante; ou que o mundo material *condiciona* as ideias dos homens e os seus atos, mas sem os determinar completamente. Entre estas duas interpretações oscila o pensamento marxista e essa distinção é, em grandes linhas, a que inspirou o comunismo de Lenine contra a social-democracia de Eduard Bernstein.

Segundo a linha social-democrata, o socialismo pode pactuar com a democracia, usá-la em seu próprio benefício e fazer a revolução de modo não necessariamente violento. Embora as condições materiais continuem a ser em última análise definitivas, a política, a filosofia, o debate, o voto, etc., podem ter um certo papel na mudança social. A social-democracia, lutando em simultâneo na rua e no parlamento consoante convier, prefere ser possibilista e centrar-se em atingir objetivos concretos, como a jornada laboral de oito horas. Para o marxista ortodoxo, o social-democrata é um traidor, que se levanta revolucionário e se deita conservador.

## Método ou sistema

Na mesma linha, o materialismo histórico de Marx pode ser considerado, ou como um simples *método* de análise da história humana, útil para contextualizar os acontecimentos históricos; ou pode considerar-se como um *sistema*, isto é, como a pedra filosofal, uma fórmula mágica, o esquema básico de tudo, que vai permitir revolucionar o mundo cientificamente.

É óbvio que a consideração do marxismo como sistema, que se liga ao marxismo determinista mencionado anteriormente, é veículo de um brutal totalitarismo. Com efeito, se as ideias ou sentimentos de uma pessoa são um mero reflexo mecânico das condições materiais e sociais, então o pensamento é irrelevante, a liberdade humana é secundária e as pessoas são acessórias. A sociedade na nova era do socialismo "científico" parece-se mais com um formigueiro, onde os operários constroem uma grande comunidade onde todos valem o mesmo e cada um não vale nada em si mesmo. O chamado "materialismo dialético", que defende este marxismo como um dogma ateu, como um sistema, não está propriamente nem explicitamente na obra de Marx: é uma criação teórica de Plekhanov, prática de Lenine e criminosa de Estaline, Mao, etc.

## Um ilustrado

Diz o historiador Gareth Stedman que "Marx não teria gostado da URSS". Com efeito, para entender Marx, tem de se situá-lo na linha do pensamento iluminista: a sua intenção intelectual não era precisamente escravizar o homem, mas emancipá-lo, libertá-lo das cadeias da ideologia para que pudesse ter uma existência *científica*, sem sentir a opressão dos *dogmas inventados*. Embora o radicalismo e a contundência da sua palavra escrita não convidem a fazer uma leitura moderada da sua obra, parece claro que Marx não procurava substituir o velho dogma liberal e capitalista por um novo dogma socialista.

Uma leitura atenta da obra de Marx e o próprio facto de nunca ter tentado construir um *sistema* filosófico que justificasse a opressão, leva a que se tenda a pensar que Marx só pretendeu ter descoberto um método para poder estudar a história social cientificamente, ou seja, livre dos preconceitos ideológicos. Isto é coerente com a génese intelectual do autor alemão, pois o pensamento materialista de Marx constrói-se como uma oposição ao idealismo hegeliano, e tanto Marx como Engels criticaram violentamente muitas vezes a pretensão de Hegel de construir um sistema.

Precisamente em oposição ao idealismo, à tradição da filosofia teórica alemã totalmente afastada da realidade, Marx quer que a filosofia se *faça mundo* e defende a fusão entre teoria e práxis, entre filosofia e proletariado. Tal como sucede com as ciências naturais, as teorias filosóficas têm de ser provadas ou refutadas na realidade social, na história. A filosofia materialista de Marx é, sobretudo, uma filosofia da práxis.

## Perdurações do marxismo

O método materialista de Marx é um método crítico pela sua própria natureza. A sociedade não é tal como se nos aparece, mas esconde uma série de condicionantes materiais que não somos capazes de ver de relance. Para Marx, a religião cristã, a civilização ocidental, a doutrina dos direitos humanos, a democracia liberal, o mercado livre, etc. são formas ideológicas que ocultam a verdadeira estrutura da sociedade, na qual alguns poucos (a burguesia) se apropriam do trabalho alheio e escravizam os homens, que vivem adormecidos por grandes ideias falsas, incapazes de se aperceber que o mundo não é tal como lhe contaram. Por isso, Paul Ricoeur considera-o, juntamente com Freud e Nietzsche, como um dos “mestres da suspeita”.

Considerando que o marxismo coloca a realidade como juiz das teorias filosóficas, políticas e económicas, a história falhada do “socialismo real” deveria ser o túmulo do marxismo que o inspirou, embora não fosse o marxismo de Marx, mas o de Lenine. Por um lado, a ruína económica da URSS deixou o capitalismo sem alternativa; por outro, o terrível autoritarismo do sistema soviético neutralizou para sempre a democracia popular. Talvez o mercado livre ou a democracia liberal não sejam o melhor sistema possível na ordem moral, mas demonstraram ser infinitamente mais justos e eficientes do que a sua alternativa socialista. Até os comunistas e socialistas acabaram por reconhecê-lo, mesmo que com relutância. Um socialista no século XXI, dos antigos ou dos novos, não é nada mais do que um consumista melancólico.

## Marxismo cultural

No âmbito da cultura, a neutralização do marxismo é mais complicada. Primeiro, porque se torna mais difícil demonstrar as falsidades no mundo das ideias: se uma ideia resulta errada, não se derruba um Estado ou entra em crise uma economia; segundo, porque o materialismo socialista encontra um fiel aliado no materialismo liberal, mais antigo e mais visceral ainda do que o marxista; terceiro, porque o marxismo foi o primeiro movimento político liderado por intelectuais (resulta ininteligível para as massas) e os intelectuais são os que criam a cultura; quarto, porque a permanente crítica à cultura ocidental é um refúgio confortável para aqueles que não têm nenhuma alternativa a propor; e quinto, porque as diversas mudanças subjetivistas que foram acontecendo nas fileiras do marxismo durante o século XX (Gramsci, a Escola de Frankfurt, etc.) converteram o marxismo numa religião política, com os seus anátemas, dogmas, profetas e a sua falsa consciência do mundo.

O marxismo, que ia libertar-nos de todos os preconceitos e despertar-nos para uma existência científica, tornou-se agora o paladino do irracionalismo. No âmbito da cultura, o marxismo conseguiu perdurar como uma ideologia zombie, na forma grotesca de um pós-marxismo relativista. Podem reconhecer-se velhos esquemas marxistas que estão adulterados no anti-americanismo, na fobia do Ocidente, na ideologia de género, com a sua conversão burguesa da luta de classes em luta de sexos; ou nos discursos políticos de vitimização, onde os oprimidos em vez de fazerem a revolução, se ofendem.

Este pseudo-marxismo *ideológico* que perdura no âmbito da cultura não é marxismo na realidade, mas o oposto. Marx queria que se descobrisse a verdade e se vivesse de acordo com ela, sonho iluminista que tem as suas raízes na civilização ocidental. A sua ânsia científica e racional em derrubar os velhos preconceitos que “justificavam a opressão” foi retorcida e reconvertida em novos preconceitos que proíbem qualquer discurso racional sobre a realidade, não vá tornar-se ofensivo para a nova classe social dos que querem viver num confortável devaneio.

G. P.

## Procurando Marx

Tanto a pessoa como a obra de Marx foram muito estudadas. A propósito do seu bicentenário, foram publicados ou reeditados alguns ensaios que reveem a sua trajetória biográfica e ajudam a entender a relevância dos seus contributos.

Se há algo que destacam todos os biógrafos de Marx, tanto os que, seguindo a primeira exposição da sua vida que fez Franz Mehring, sublinham o seu heroísmo revolucionário, como os que destacam as suas misérias pessoais, é a sua ambição intelectual. Simpatizem ou não com os seus postulados, os estudiosos mostram que, consideradas em separado, as ideias que Marx difundiu não eram inovadoras, mas ninguém antes dele tinha conseguido sintetizar e harmonizar tantos fragmentos filosóficos, tantas teorias sociais e políticas e tantos ensinamentos económicos num todo coerente e orgânico.

Também o volumoso e prolixo estudo de Gareth Stedman Jones ([“Karl Marx. Ilusión y grandeza”](#), Taurus, 2018, 887 págs.) incide neste ponto. Este catedrático de história da Universidade de Londres escreveu a biografia de Marx mais completa até ao momento, que vem substituir a clássica de

David McLellan, de finais dos anos 60. Stedman Jones expõe a trajetória de vida e intelectual de Marx com o objetivo de demonstrar a interligação entre os seus interesses teóricos e o contexto cultural e político da época em que viveu.

## Atualidade de Marx

Marx foi, afirma o historiador britânico, um pensador do século XIX, e para fazer justiça à sua obra, não se deve atribuir a Marx o que a adulterada tradição do marxismo, inaugurada por Engels, lhe imputou. Também insiste neste último aspeto, Jonathan Sperber ("Karl Marx", Galaxia Gutenberg, 2013, 624 págs.), para quem a análise do capitalismo feita por Marx estaria hoje desfasada, apesar das suas críticas serem reivindicadas por alguns intelectuais ao longo dos últimos anos no âmbito do chamado [pós-capitalismo](#) ("Aceprensa", 18.11.2015).

Neste sentido, Stedman Jones matiza algumas das teses que tanto os exegetas oficiais do comunismo, como aqueles que o censuraram com uma certa superficialidade, lhe atribuíram. Por um lado, existe o debate sobre o sentido do materialismo histórico; por outro, a sua tese sobre o colapso do capitalismo. Para Stedman Jones, Marx na realidade não vaticinou o colapso súbito do sistema liberal; pensava, efetivamente, que a transição para um modelo económico mais justo seria paulatina. Foi Engels quem, com o objetivo de revitalizar a luta proletária, modificou esse ponto de vista pouco antes da morte do seu amigo e camarada.

Segundo esta interpretação, Eduard Bernstein, a quem a dogmática marxista sempre acusou de conivência com a opressão burguesa, teria sido mais fiel ao espírito da obra "O capital". Em "Karl Marx y la reforma social" (Página Indómita, 2018, 120 págs.), incluem-se os textos nos quais o próprio Bernstein interpreta Marx numa perspetiva social-democrata e deteta a continuidade entre o liberalismo e a futura emancipação da classe trabalhadora. Os escritos de Bernstein suavizam os estímulos revolucionários do marxismo e desenham uma versão do mesmo compatível com as realizações da democracia liberal.

Mas que resta então do Marx revolucionário? Foi, então, o comunismo totalitário de Lenine, Estaline ou Mao um dramático erro de interpretação? Tanto Stedman Jones como Sperber pensam que não é honesto nem justo lançar nos ombros de Marx esse legado sanguinário, e que entre o estudioso sofrido e com insónias que prolongava as suas jornadas no Museu Britânico e o radicalismo despótico dos seus supostos herdeiros não há qualquer ligação.

Não é isso, todavia, o que pensa Leszek Kolakowski. Em "Las principales corrientes del marxismo" (Alianza, 1980; esgotado) explicava que o "socialismo despótico" foi o resultado de diver-

sas circunstâncias, mas que também pode ser considerado um "resultado lógico" e prático da doutrina que Marx expressou apenas filosoficamente.

## Pano de fundo filosófico

Sobre o pano de fundo filosófico do marxismo, a clássica obra de Isaiah Berlin que agora se reedita ("Karl Marx", Alianza, 2018, 352 págs.) apresenta uma aguda e rica interpretação. A sua requintada compreensão da filosofia da história marxista revela a vocação profética que Marx assumiu e a deriva quase religiosa da ideologia que ajudou a fundar. O primeiro Marx não inventou um programa político, nem esboçou um projeto económico, mas um credo redentor que, continuando a vocação prometeica do romantismo e o gosto pelo progresso do Iluminismo, augurava a plenitude do homem e o alívio das suas alienações.

Esses cimentos metafísicos são aqueles para os quais previne Joseph Schumpeter, que lança um ataque sobre a viabilidade do marxismo como teoria económica ("Karl Marx", Página Indómita, 2018, 182 págs.). Mas se se quiser saber mais sobre a dimensão humana de Marx, das dificuldades da sua vida doméstica e dos seus hábitos prejudiciais à saúde, Francis Wheen ("Karl Marx", Debate, 2015, 427 págs.) conta todos estes aspetos com uma graça narrativa que nos faz descobrir as fraquezas e o egocentrismo, mas também a poderosa energia intelectual, de um dos pensadores mais influentes da história.

J. C.